CARL ROGERS, *On Becoming a Person, a Therapist's View of Psychotherapy*, Houghton Mifflin Company, Boston, 1961, 420 pp.

Êste último livro de CARL ROGERS é uma coletânea dos trabalhos inéditos, escritos no período de 1951 a 1961. Representa a cristalização das idéias e filosofia do autor, já expostas na sua famosa obra *Client — Centered Therapy* que, sem dúvida, estabeleceu um marco definido no campo da psicologia clínica nos Estados Unidos. Essas idéias, agora mais amadurecidas e fundamentadas, são apresentadas de maneira singela e fluente — porém, não menos fascinante — pois foram escritas também para "leigos inteligentes", na esperança de ajudá-los "no processo de se tornarem pessoas". "Tornar-se uma pessoa" significa penetrar através da máscara para alcançar a descoberta do verdadeiro "eu". Excelentes exemplos, extraídos de sessões psicoterápicas, ilustram a luta dramática entre o "eu" autêntico, que existe latente, e os poderosos mecanismos repressores que exigem o conformismo, a submissão aos valôres alheios e encobrem o mêdo da sua própria realidade psicológica.

O objetivo da psicoterapia é justamente proporcionar ao indivíduo a oportunidade para a emergência do seu "eu" autêntico. Citando KIRKEGAARD, escreve ROGERS: "A forma mais comum de desespêro é não se escolher ou não se desejar ser o que se é verdadeiramente..." Aliás, verifica-se, agora mais claramente, na obra de ROGERS, a influência das idéias de KIRKEGAARD e MARTIN BUBER, bem como a preocupação de encontrar bases filosóficas mais profundas para as suas teorias.

Os principais construtos da psicoterapia não diretiva são mais uma vez examinados, mormente à luz dos resultados das mais recentes pes-

quisas: a experiência direta e individual (a liberdade de experimentar) é a principal fonte de amadurecimento e do pensamento criador; a vivência de compreensão e aceitação é a forma de relação interpessoal realmente satisfatória; a autenticidade psicológica por parte do psicoterapeuta (*to be that self that one truly is*) é elemento imprescindível para o exercício da psicoterapia não diretiva; o respeito pelo ser humano na sua individualidade é o ponto de partida do trabalho de psicoterapia.

A relação terapêutica representa apenas um aspecto especial das relações humanas, em geral, e são regidas pelas mesmas leis. Assim, na família, na escola, na vida em sociedade, as implicações da teoria rogeriana são evidentes. Se é estabelecida uma relação na qual um dos seus componentes revelam: autenticidade e transparência de sentimentos; calor humano e aceitação da outra pessoa na sua individualidade; capacidade para perceber o mundo como o outro o percebe; resultará que o outro componente da relação sentirá e compreenderá aspectos da sua individualidade que tinham sido prèviamente reprimidos; tornar-se-á mais integrado e capaz de atuar eficientemente; tornar-se-á mais semelhante à pessoa que êle desejaria ser; tornar-se-á mais independente, autoconfiante e autocompreensivo; tornar-se-á mais capaz de aceitar a si mesmo e aos outros; como conseqüência dessas modificações, será também capaz de resolver seus problemas vitais de forma mais adequada e com menor esfôrço.

O conceito de "congruência" é considerado fundamental nessa tentativa de formulação de uma lei geral para as relações inter-pessoais. Embora reconheça a dificuldade de uma definição operacional para o têrmo "congruência", devida à própria complexidade de suas características, ROGERS o conceitua como a acurada equivalência entre a experiência, a tomada de consciência (*awareness*) e a comunicação da mesma. Examinando as implicações da congruência nas relações interpessoais, formula o seguinte princípio: Quanto maior a congruência da experiência, a tomada de consciência e comunicação da mesma por parte do indivíduo, maior tendência para comunicação recíproca, maior precisão na compreensão mútua das comunicações; isso resultará em melhor ajustamento entre os dois interlocutores e maior satisfação mútua na relação estabelecida.

A última parte do livro se refere à posição que deverá ser tomada em face do crescente desenvolvimento das ciências do comportamento. Nos progressos realizados nesse campo, verifica-se que a possibilidade de previsão é proeminente. Se um indivíduo possui as características men-

suráveis *a*, *b*, e *c*, poderemos predizer que haverá elevada probabilidade de que o referido indivíduo venha a revelar os comportamentos *x*, *y* e *z*.

Como conseqüência, tornam-se poderosas as possibilidades em potencial de se exercer contrôle científico sôbre o comportamento humano. Outrossim, as possibilidades de manipulação dos grupos sociais serão consideráveis, pois desde que as autoridades possam estabelecer as condições necessárias, ocorrerão inevitàvelmente os comportamentos previstos. Dessa maneira as ciências do comportamento humano assumirão papel de extrema relevância como instrumento de contrôle social, positivo ou negativo. A escolha dos valôres que facilitem o processo de auto-realização do ser humano, e que estimulem a creatividade, transcende o domínio da ciência — representa um aspecto subjetivo, que sempre existiu e existirá, independente das realizações científicas.

RUTH SCHEEFFER

* * *